



DOSSIÊ



Expansão de Jundiaí

# Só falta um plano de ocupação

Serra do Japi tornou-se uma das áreas mais visadas do interior para receber empreendimentos

Ana Carolina Silveira  
de Jundiaí

Uma das poucas áreas remanescentes da Mata Atlântica ainda preservadas no estado de São Paulo, a Serra do Japi, distribuída entre quatro municípios – Jundiaí, Cabreúva, Bom Jesus do Pirapora e Cajamar – deverá tornar-se em breve alvo de uma delicada discussão. As prefeituras dos quatro municípios, os proprietários de áreas particulares da serra e entidades ambientalistas esperam definir uma política de ocupação do Japi para os próximos anos.

Com parques temáticos na vizinhança, a disseminação do ecoturismo e os novos hotéis-fazendas espalhados pela região, o Japi tornou-se uma das áreas mais visadas do interior paulista para receber empreendimentos. “Vamos defender o uso racional da serra, sem que para isso haja destruição”, diz o coordenador de Planejamento e Meio Ambiente da prefeitura de Jundiaí, Francisco José Carbonari.

A Serra do Japi possui uma extensão total de 350 quilômetros quadrados, dos quais 191,70 quilômetros quadrados tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Con-



Inúmeras cachoeiras honram o nome da região, que significa “nascente de rios”

dephaat). Da área tombada, 47,67% situam-se dentro de Jundiaí, porém as propriedades públicas representam apenas 7% desse total. A maioria pertence a particulares, com fazendas, loteamentos e áreas abandonadas.

O Japi – que significa “nascente de rios” – é testemunho da flora e fauna exuberantes que existiam no Sudeste do Brasil. O acesso até o topo da serra se dá por três rodovias, duas das quais controladas pela guarda municipal, enquanto que a terceira – com cerca de 20 quilômetros de extensão, a partir da via Anhangüera – pode ser utilizada sem problemas e leva o turista às torres

de retransmissão de TV e rádio. É por esse caminho parcialmente asfaltado que os turistas visualizam cachoeiras e conseguem ter uma pequena noção de uma mata quase intocada.

A prefeitura mantém uma base ecológica na serra, para educação ambiental, com um mapa de avistamento de animais. São bichos-preguiça, macacos e as mais diferentes aves. Por tratar-se de uma floresta subtropical, o Japi tem ainda uma peculiaridade: enquanto que normalmente são encontradas 300 espécies de borboletas nesse tipo de floresta, na serra já foram catalogadas 900.

Ainda não há pedidos formalizados na prefeitura para novos empreendimentos na serra, mas a perspectiva da administração local é de que, inicialmente, os projetos de ecoturismo comecem a ser implantados de forma rápida. Com isso, a prefeitura espera diminuir os riscos à preservação, como incêndios, desmatamento, extração mineral e novos loteamentos.

Desde que tornou-se Área de Proteção Ambiental (APA) – por decreto-lei estadual de 1984, regulamentado em maio último – Jundiaí passou a apostar mais em seu potencial ecológico. A cidade é importante reserva biológica e conta com duas bacias hidrográficas (do rio Jundiaí-Mirim e da cabeceira do Capivari). “Já tínhamos uma legislação rígida de uso do solo antes de nos transformarmos em APA, mas isso nunca trouxe restrições ao progresso”, afirma Carbonari.

Na cidade, é proibida a instalação de empresas químicas que pertençam aos segmentos de: cloro, cloroquímica e derivados; gás de nafta craqueada (fabricação); petróleo (fabricação de produtos de refino); petroquímicos (fabricação de produtos primários e intermediários); cimento; celulose ou pasta; produção e uso de explosivos; siderurgia; fabricação de soda, sabão e detergente; e reatores nucleares. ■



Lugar é testemunho da flora e fauna exuberantes que existiam no Sudeste do Brasil